

**VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA  
AGRÁRIA – UESB/UESC  
JURA 2022**

---

**CONSTRUINDO IDENTIDADE: SOU NEGRO?**

*Valéria Souza Lima Brito  
Jasmym Alves França  
Higro Souza Silva*

**Resumo**

Esse estudo busca relatar experiências e tecer algumas reflexões construídas no chão da sala de aula, em uma experiência de regência no Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais. Notou-se que os alunos tinham dificuldade no que diz respeito, a valorização da identidade negra e o reconhecimento desta identidade. Diante disso foram elaboradas atividades relacionando às questões raciais a fim de, promover a relação étnico-racial por meio da valorização do negro; como também evidenciar as questões de respeito às desigualdades raciais. Os sujeitos da pesquisa foram 02 estudantes de uma escola municipal, na cidade de Itapetinga-Bahia, bem como conduziram o instrumento metodológico que atendeu a linguagem visual. A pesquisa analisou a ideia do autor reconhecimento da identidade negra retratada em pinturas.

**Palavras chave:** Identidade negra; Relações Raciais; Linguagem Visual.

**INTRODUÇÃO**

Historicamente, a desvalorização da imagem negra do Brasil passou por muitas lutas e movimentos para acabar com a desigualdade racial. Temos uma imagem do negro sendo inferior, construindo uma idéia a partir de um estereótipo. Os valores que a sociedade assume muitas vezes estão repletos de idéias racistas e preconceituosas, e muitos desses valores não foram revertidos, decorrentes de conflitos que já não pertencem aos modelos sociais atuais, e reproduzem constantemente uma cultura que não se encaixa mais. Nesse sentido, a escola tem importante papel, para difundir novos conceitos sobre questões étnicas raciais a fim de promover o resgate da cultura afro-brasileira e intervenções pedagógicas que permitam que esse conhecimento interaja com os alunos.

Nesse processo de construção se torna desafiador para os educadores, todavia não se podem responsabilizar apenas as instituições de ensino, visto que, os indivíduos não chegam à escola sem conhecimento, pois estes carregam saberes, capital cultura a partir do contexto que se encontra e muitos destes são influenciados no meio que vivem. Lutar contra o racismo requer muito esforço, ainda que a Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, garanta que o ensino afro-

## VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

---

brasileiro seja aplicado, entretanto, este ainda não é legitimado na prática, muitas vezes, sendo fragmentado em sua práxis.

Na cultura brasileira os termos “morenos (a)”, “escurinhos (a)” dentre outros são usados pela população brasileira para diferenciar ou negar a cor da pele (PIZA & ROSEMBERG, 1997). Essa discussão temos o branqueamento, que pode ser considerado um conjunto de normas, atitudes e valores branco que a pessoa negra incorpora visando assemelhar-se a um modelo branco, e a partir dele, construir a identidade racial positiva.

Na educação, os educadores enfrentam muitos desafios devido à pluralidade no ambiente escolar e à crescente diversidade de orientações de cada indivíduo, acerca da cultura afro-brasileira e suas expressões culturais, a fim de para superar o paradigma da sociedade brasileira, alcançar uma prática significativa e quebrar as concepções raciais nos padrões educacionais brancos, pautados por políticas públicas que apoiem a adoção de práticas raciais e reconheça a particularidade do negro e reafirme na prática ações concretas que reconheçam a diversidade étnico- racial.

### **A IMAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO**

A linguagem pictográfica representava os objetos, figuras e ideias, não fazendo referência à linguagem verbal, mas sim representando a realidade à volta. E a imagem é um dos instrumentos muito utilizados, “entender o mundo contemporâneo, cada vez mais influenciado e construído através das imagens” (LIMA,2008, p.06).

O ser humano tem a necessidade de compartilhar diferentes saberes, e através da comunicação e da informação que está se construindo na troca experiências, construindo e reconstruindo pensamentos e pré-conceitos criando representações e armazenando informações. A imagem permite que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento de forma ampla e rápida, promovendo uma linguagem ampla e dinâmica. “Toda essa informação visual é facilmente obtida através dos diversos níveis da expressão direta do ato de ver.” (DONDIS, 1997, p.87).

O indivíduo que a partir das suas vivências, experiências reproduzem suas ideias, conceitos explicando o seu contexto e dando significados às situações vividas. Entende-se que as imagens são de suma importância para sociedade, no que elas podem oportunizar compreensões da cultura, crenças, raça, costumes, contexto social e outros, dando um valor

## VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

---

singular para que este indivíduo se comunique, possibilitando diferentes interpretações e compreensão da realidade.

### **PERCURSO METODOLÓGICO**

Delineando nas interpretações do mundo e na intenção de pesquisar sobre a experiência vivenciada pelos seres humanos. A pesquisa se deu na intervenção do Estágio Supervisionado nas Séries Iniciais, que ocorreu em 03 etapas cruciais; observação, coparticipação e regência. Tendo a participação efetiva de 27 (vinte e sete) alunos do 5º ano do ensino fundamental, da Escola Dona Maria Sales de Oliveira, situada na Avenida Gerson de Oliveira, s/n, no bairro Nova Itapetinga, localizada no sudoeste da Bahia.

Observando a rotina da sala de aula, percebemos que os alunos tinham dificuldade no que diz respeito, a valorização da identidade negra e o reconhecimento desta identidade. Diante desse desafio planejamos desenvolver atividades específicas relacionando às questões raciais a fim de, promover a relação étnico-racial por meio da valorização do negro; como também evidenciar as questões de respeito às desigualdades raciais.

Quanto aos instrumentos metodológicos escolhidos para coleta de dados optamos pela linguagem visual, onde a proposta da atividade foi conduzida através de pinturas. No que tange à análise dos dados, interpretamos as pinturas por meio de referenciais que sustentam a ideias sobre a imagem visual, de que segundo Cassano (2003, p.02), “ler uma imagem não é, pois, descrever seus elementos visuais, mas atribuir sentido do ponto de vista social e ideológico”. Compreendemos que a partir de cada desenho há um sentido, uma ideia particular, uma mensagem a ser transmitida e cada pintura provoca uma discussão pertinente no que se refere às questões raciais.

### **DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS**

Observando os desenhos elaborados pelos alunos do 5º ano C, vespertino, sujeitos que colaboraram com este respectivo estudo, dois de modo particular, foram tomados de uma reflexão. Partindo da realidade que o sujeito vivencia sua história, contexto social, crenças e valores, a imagem retratada por ele, poderá reproduzir uma ideia do que ele acredita ou vive influenciado a partir do meio que está inserido. As imagens apresentadas durante a coleta de dados emergiram categorias que nomeiam as respectivas imagens.

**VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA  
AGRÁRIA – UESB/UESC  
JURA 2022**

---

➤ Figura 1 – “Não sou negra, sou branca; olha minha cor”

Na figura 1 acima, podemos observar como o problema do embranquecimento nos é apresentado visualmente e, surpreendentemente, a população brasileira é majoritariamente negra. Na figura o lápis marrom foi usado para colorir tons de pele e lápis amarelo foi usado para confirmar que essas pessoas, apesar de negras, eram próximas do branco. Essa cultura inculca aos negros que "o bom" são os brancos, que os negros são degradados por causa da cor da pele, que é perceptível através das imagens, e isso ainda é uma forte evidência da ideia de inferioridade negra e desigualdade racial no país.

Por meio dessa pintura, ela mostra que, mesmo com um lápis marrom, na pele de um dos personagens (referindo-se a ela) e dos demais da pintura, está nitidamente próximo do estereótipo branco, retratado por ela com a cor de seu cabelo que, embora preto, é no desenho é amarelo, simbolizando o loiro no cabelo. Além disso, a segunda personagem da pintura é mais clara em melanina, seus olhos e boca são diferenciados, e diferente de outros personagens, ela é destacada em preto, que fica próximo ao clareamento.

Gomes (2003) afirma que construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pela população negra brasileira. O racismo é nítido, mas para muitos ele é camuflado e tido como superficial, vivemos num país onde a desigualdade racial é meio de poder da classe dominante.

➤ Figura 2 – “Meus traços são de negros, mas minha pele é “clara”



Na figura 2, estamos cientes do problema da identidade negra, não sendo reconhecida, a participante retrata as características de uma pessoa negra, mas ela não se reconhece, e

## VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA – UESB/UESC JURA 2022

---

percebemos pelas atividades que a participante até identificou outro personagem na figura como negro, no entanto, quando retratada na pintura, traz um condutor de movimento de clareamento, em que suas cores são tons mais claros, podendo ser visto que os traços da pintura são os mesmos, o estereótipo sobre o negro.

Um processo do próprio negro olhar para si enxergar como tal, a identidade negra é uma construção, histórica de uma sociedade que padece de um racismo, velado por uma democracia racial. A construção da identidade se dá nas relações que o indivíduo tem no mundo, na interação, no diálogo e também nos conflitos. Segundo, D'askey (2001), afirma que para se construir a identidade é preciso uma interação. A identidade é construída historicamente diante de uma cultura imposta para os negros, e o que mais significativo é ser branco e, portanto, “ser branco é o que há de belo”, mesmo sendo negro preciso me aproximar do o máximo do branco, para me reconhecer e ser aceito na sociedade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos trabalhos de pesquisa e na vivência no chão da escola pode afirmar que a escola é um espaço que tem papel muito importante na luta contra o racismo. O racismo é uma realidade muito intensa em nossa sociedade e a inclusão da Lei 10.639 de 2003 é um caminho de luta, nesse combate ao racismo. A identidade negra precisa ser valorizada, promovendo assim uma interação de qualidades entre os indivíduos de diversas culturas e cor de pele, amenizando os confrontos no espaço escolar e não dando espaço para as brincadeiras que ferem e discriminam o outro.

Por fim, tende-se esperança principalmente nos docentes para que realize na práxis pedagógica de forma que trabalhe as questões raciais, assumindo com responsabilidade o compromisso de uma sociedade equânime, respeitando os direitos, abertos a se construir e desconstruir os preconceitos, para que todo ser humano reconheça o valor de seu próximo na sociedade.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. 2004

**VI JORNADA UNIVERSITÁRIA EM DEFESA DA REFORMA  
AGRÁRIA – UESB/UESC  
JURA 2022**

---

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

CASSANO, Maria da Graça. Imagens jornalísticas: a produção e deslizamentos de sentidos. Disponível em: [alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_antteriores/anais14/Sem06/C06035.doc](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais14/Sem06/C06035.doc).

D'ADESKY, Jacques. Racismos e anti-racismos no Brasil; pluralismo étnico e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DONDIS, Donis (1999). Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes editora

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo. 2003.

LIMA, Cristiane Rodrigues de. O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual. Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008. p. 03.

PIZA, Edith. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu... São Paulo: Editora Paz e Terra S. A., 2000.

## **SOBRE OS AUTORES**

### ***Valéria Souza Lima Brito***

Universidade Estadual do Sudoeste -UESB,Brasil, Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação- PPGEDGrupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais e Educação do Campo e da Cidade – GEPEMDECCE-mail: [britovaleriaslima@gmail.com](mailto:britovaleriaslima@gmail.com)

### ***Jasmym Alves França***

Universidade Estadual do Sudoeste-UESB, Brasil, Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação- PPGEDBolsista Fundação de amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- FAPESBE-mail: [jasmymfranca7@gmail.com](mailto:jasmymfranca7@gmail.com)

### ***Higro Souza Silva***

Universidade Estadual do Sudoeste- UESB, Brasil, Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação- PPGEDGrupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais e Educação do Campo e da Cidade – GEPEMDECCE-mail: [higro.souza18@gmail.com](mailto:higro.souza18@gmail.com)